

A SEMANA – 203*

19 de abril de 1896

A semana foi de sangue, com uma ponta de loucura e outra de patifaria. Felizes as que se compõem só de flores e bênçãos, e mais ainda as que se não compõem de nada! Digo felizes para os que têm de tratar delas. Neste caso, o cronista senta-se, pega na pena e deixa-a ir papel abaixo, abençoado e florido, ou sem motivo e à cata de algum, que finalmente chega, como deve suceder ao compositor nas teclas do piano. Quando menos pensa, estão as laudas prontas, e acaso sofríveis. Mas vá um homem, sem flores ou sem nada, ocupar-se unicamente de anedotas tristes; é¹ aborrecer os outros e não fazer coisa que preste. As alegrias, ainda mal contadas, são alegrias.

Tenho ideia de haver lido em um velho publicista (mas há muitos anos e não posso agora cotejar a memória com o texto),² que os jornais, fechadas as câmaras e calada a política, atiram-se aos grandes crimes e processos extraordinários. Não será esta a expressão, mas o pensamento é esse, a menos que não seja outro.³ Mas sim ou não, nem para o nosso caso serve, porquanto só agora é que os crimes notáveis aparecem e podem ser extensamente comentados, quando as câmaras estão prestes a reunir-se. Demais, tivemos algumas conversações políticas, no intervalo, por ocasião da moção do clube militar,⁴ e agora mesmo se discute quem há de ser o presidente da câmara, se Pedro ou

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 110, p. 1, 19 abr. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 155-160). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ é] e – em SEM1953.

² Não localizamos o mencionado publicista.

³ A dupla negação – “a menos que” e “não” – nos causa alguma estranheza, parece obscurecer o entendimento, a ideia; a menos que (não) tenha origem nos clássicos da língua.

⁴ O Clube Militar foi criado em junho de 1887 por oficiais do exército, a fim de melhor defender seus interesses, manifestar opiniões políticas e discutir questões relativas à corporação. Deodoro da Fonseca (1827-1892) foi eleito seu primeiro presidente. (FAUSTO, 2006, p. 234) A moção a que se refere o cronista deve ser a emitida em 21 de março de 1896, que os jornais noticiaram. *A Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 82, p. 1, col. 2, 22 mar. 1896), por exemplo, publicou uma matéria intitulada “CLUBE MILITAR”, onde se lê: “Para que fossem discutidos os assuntos concernentes às medidas a tomar com relação à propaganda monarquista reuniu-se ontem, às 8 ½ horas da noite, no salão de sua sede, à praça Tiradentes, o Clube Militar. À reunião que teve excepcional importância compareceram mais de oitocentos oficiais do exército e honorários. Presidiu a sessão o Sr. general Ewerton Quadros, que logo depois de abri-la concedeu a palavra ao Sr. coronel Torres Homem. / [...] / Ao terminar o seu discurso, que foi fervorosamente aplaudido, enviou à mesa o Sr. coronel Torres Homem uma moção, concitando o Brasil republicano a reagir por qualquer meio, dentro ou fora da lei, contra a propaganda monarquista. / Esta moção foi assinada por todas as pessoas presentes, entre as quais se achavam altas patentes do exército.”

Paulo, se o apóstolo da circuncisão, se o do prepúcio.⁵ Uns querem que só tenham aceitação os da lei antiga, outros dizem, como São Paulo aos gálatas: “Todos os que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo; não há judeu nem grego...”⁶ Talvez seja melhor, para resolver este negócio, esperar que se reúna o concílio de Jerusalém.⁷

Além dessas duas questões políticas e outras de menor tomo, tivemos negócios externos, alguns também de sangue; mas o sangue visto de longe ou pintado é diferente do sangue vivo e próximo. Tivemos com que entreter o espírito, Menelique, a expedição Dongola, os dervixes, Cuba, os raios X, Crispi e agora o levantamento dos matabeles.⁸

Não, não quero sangue, nem loucuras, nem equívocos de boticários. A perda da vida ou da razão não é coisa própria deste lugar. Menos ainda o lenocínio, tão triste como o resto. Se ao menos se pudesse tirar de tais casos alguma conclusão, observação ou expressão digna de nota, vá; mas nem isso encontro. Tudo é árido, vulgar e melancólico.

A questão do engano farmacêutico é a única em que se poderia tocar sem asco ou tédio, ainda que com pavor. Em verdade, a dosagem do arsênico por parte de uma pessoa que estudou farmácia em Coimbra, faz duvidar de Coimbra ou da pessoa. Considerando, porém, que o erro é dos homens e que só a intenção constitui o mal, não se duvida nem da pessoa nem de Coimbra. O verdadeiro mal não é esse. O mal verdadeiro é que, se os homens podem descrever de tudo, sem grande perda ou com pouca, uma coisa há em que é necessário crer totalmente e sempre, é na farmácia. Tudo o que vier da farmácia, deve ser exato e perfeito; a menor troca de substâncias ou excesso de dose faz desesperar da saúde e até da vida, como sucedeu na rua do Ipiranga. Aquele

⁵ Muitas vezes, Machado de Assis, quando deseja expressar ideias contrárias, lança mão dos nomes “Pedro” e “Paulo”. Veja-se o caso do romance *Esau e Jacó* (1904). Pedro era judeu (circuncidado), Paulo era cidadão romano (não circuncidado).

⁶ Gl 3,27-28. (BÍBLIA, 2003, p. 2035)

⁷ O concílio de Jerusalém confirmou o ponto de vista de Paulo, segundo o qual, uma vez batizados, “não há judeu [circuncidado] nem grego [não circuncidado]”. São Paulo não exigia a circuncisão dos novos cristãos.

⁸ O cronista menciona de forma sucinta uma série de assuntos que circulavam nos periódicos da semana. A Abissínia, sob a liderança do imperador Menelique, já havia vencido a guerra Ítalo-Etíope, e um tratado de paz estava em andamento, mas jornais publicavam notícias e telegramas anunciando que abissínios poderiam aproveitar a paz anunciada e atacar as tropas italianas ainda posicionadas na região. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 106, p. 1, 15 abr. 1896) Francesco Crispi chefiava o governo italiano na época dessa guerra. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 109, p. 2, 18 abr. 1896), lê-se: “Em Tokar, próximo de Sonakin, travou-se um combate entre os dervixes e forças anglo-egípcias destinadas à expedição de Dongola. A luta foi renhida, ficando no campo da ação cerca de trinta mortos do exército dos dervixes e cerca de vinte do lado contrário. Foi considerável o número de feridos de parte a parte.” Essa expedição foi promovida pelos ingleses, que também pretendiam dominar a região em que viviam os matabeles (na região do atual Zimbábue, no sudeste africano). Em 1896 ocorreu a Segunda Guerra de Matabele, conflito militar entre os povos sul-africanos e tropas inglesas. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 109, p. 2, 18 abr. 1896) O raio x é o único “negócio externo” não relacionado a sangue. Jornais da época divulgavam notícias e telegramas sobre sua descoberta (nov. 1895) pelo dr. Wilhelm Conrad Roentgen (1845-1923) e potenciais aplicações dessa descoberta em várias áreas do saber. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 107, p. 1, col 5, 16 abr. 1896). Em Cuba, estava em andamento a Guerra de Independência.

grito do sócio do farmacêutico: “Desgraçado, estás perdido!”⁹ mostra a gravidade do ato, unicamente em relação ao autor dele. Se esta fosse a única e triste consequência, pouco estaria perdido. Era um caso particular, como o que sucedeu, dois dias depois, na farmácia Portela, em bairro oposto; aí se trocou um laxativo por outro remédio, e o paciente, que bebeu de uma vez o que devia ser tomado de duas em duas horas, só não morreu, porque o remédio não era de matar.¹⁰ Não importa; não é preciso que alguém sucumba, basta a possibilidade da confusão dos frascos.¹¹

Também não importa a confiança manifestada pelo viúvo da rua do Ipiranga, em relação à farmácia; é natural que a tenha, pois conhece o pessoal e a competência da casa. Outrossim em relação à farmácia Portela, donde não saiu morte certa. Uma pessoa defunta, outra apenas enganada, valem pouco relativamente à população. Mas suponhamos que esta venha a descrer de todas as farmácias da cidade. Nem todas serão servidas por varões próprios. Alguma haverá (não afirmo) em que jovens aprendizes, desejosos de praticar a ciência antes que a vadiação, aviem as receitas dos médicos. Sempre é melhor ofício que matar gente cá fora, mas se da composição sair óbito, tanto faz droga como navalha. Se a descrença pegar, virão o terror e a abstenção. Ninguém mais correrá às boticas, e a farmácia terá de ceder ao espiritismo, que não mata, mas desencarna.

Há um recurso último. Atribui-se a um claro espírito deste país a seguinte definição da farmácia moderna, – que é antes confeitaria que farmácia. Esse homem, ex-deputado, ex-ministro, observou que as vidraças das boticas estão cheias de frascos com pastilhas e outros confeitos.¹² Ora, até hoje não consta que tais medicamentos matem. O mais que pode suceder, é não curarem sempre, ou só incompletamente, ou só temporariamente, ou só aparentemente; mas não levam o desespero às famílias. São composições estrangeiras, estão sujeitas a grandes taxas, custam naturalmente caro; mas se a própria vida é um imposto pago à morte, não é muito que lhe agravemos o preço. Não me¹³ acusem de estrangeirismo. Não trato só dos inventos importados, mas também dos nacionais, que não matam ninguém, e curam muitas vezes. Pois tal será o recurso último dos farmacêuticos, quando o medo dos aviamentos imediatos afastar os doentes das suas portas; encomendem preparados de fora e de dentro, não façam mais nada em casa, e esperem.

Qualquer que seja o mal, porém, antes beber os remédios suspeitos, – um pouco mais de arsênico, ou uma coisa por outra, – que viver em Porto Calvo (Alagoas), onde

⁹ Machado de Assis menciona, frequentes vezes, nesta série de crônicas, erros na preparação de medicamentos. Ver nota 17 de “A Semana – 202”, crônica anterior a esta, que trata deste mesmo caso. A frase citada pode ser lida no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 102, p. 1, col. 8, 11 abr. 1896).

¹⁰ Outro caso de erro farmacêutico, relatado também no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 105, p. 1, col. 7-8, 14 abr. 1896).

¹¹ frascos.] fracos. – em GN. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

¹² Não identificamos esse ex-deputado e ex-ministro.

¹³ me] lhe – em SEM1953.

as carabinas trabalham, ora em nome do assassinato, ora da simples política. As ações e os homens não dão para uma *Ilíada*, conquanto na hecatombe da Conceição a palavra *hecatombe* seja grega.¹⁴ Não sucede o mesmo com Barro Vermelho e Manuel Isidoro, nomes que não valem os de Aquiles e Heitor. Li artigos, cartas, notícias dos sucessos, chegados e publicados ontem. Numa das cartas diz o autor que, para prender Manuel Isidoro, tinha recorrido à *astúcia* do coronel Veríssimo.¹⁵ Faz lembrar Homero quando canta o *artificioso* Ulisses; mas, com franqueza, prefiro Homero.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 110, p. 1, 19 abr. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14019>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

¹⁴ O cronista cita outro “negócio de sangue”; agora, são os clavinoteiros liderados por Manuel Isidoro que causam morte e destruição em duas cidades de Alagoas (Porto Calvo e Conceição). Jornais publicavam artigos e notícias a respeito dessas ações violentas no Nordeste. *A Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 89, p. 1, col. 6, 29 mar. 1896), por exemplo, republica trecho de notícia do *Jornal do Recife* (20 mar. 1896): “Pelo Sr. Cândido Ferreira Cassão foi recebido ontem, de Porto Calvo, Alagoas, o seguinte telegrama: / ‘Meu irmão Antônio Peregrino de Mendonça foi assassinado ontem por um grupo de 30 criminosos, ao mando de Manuel Isidoro, sendo atacada sua casa, que foi saqueada. Os criminosos o que não levaram, quebraram. – Bernardo Lindolfo de Mendonça.’”

¹⁵ Manuel Isidoro não foi preso, como sugere o cronista. Em carta publicada no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 109, p. 1, col. 3, 18 abr. 1896), que descreve os eventos de Porto Calvo, o autor diz: “Juro perante Deus, eu tinha e tenho vivo interesse em prender a Manuel Isidoro, tendo recorrido à astúcia e ao auxílio do Coronel Veríssimo.” Barro Vermelho (mencionado na crônica) era membro da facção de Manuel Isidoro. O caso dos clavinoteiros de Manuel Isidoro só foi resolvido no ano seguinte. Em telegrama publicado no mesmo periódico (*Jornal do Commercio*, ano 77, n. 1, p. 2, col. 9, 1º jan. 1897), lê-se: “Ontem regressou de Porto Calvo a força policial que deu combate ao pessoal do criminoso Manuel Isidoro, ficando este morto e parte de sua gente. Está, portanto, pacificada aquela comarca.”

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.